

## RELATO DE EXPERIÊNCIA: AULAS COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO PROJETO CARINHO

CAMILA DIETRICH DE SÁ BRITTO<sup>1</sup>; GABRIELE RADÜNZ KRÜGER<sup>2</sup>; NAIÉLEN RODRIGUES SILVEIRA<sup>3</sup>; ALEXANDRE CARRICONDE MARQUES<sup>4</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – camilasabritto@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – gabriele.rk@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – naielenrodrigues@hotmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – amcarriconde@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O Projeto Carinho – desenvolvido há 21 anos na Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPel) através do Núcleo de Estudos em Atividade Física Adaptada (NEAFA) – é um projeto de extensão que tem como objetivo trabalhar com pessoas com deficiência, oportunizando aos discentes da graduação experiência enquanto professores.

Segundo o DSM-V (2013), o transtorno do espectro autista (TEA) caracteriza-se por limitações na comunicação e interação social e presença de comportamentos estereotipados ou repetitivos dos respectivos indivíduos. Atualmente, o TEA é subdividido em três níveis: indivíduos do nível 3 necessitam de apoio muito substancial; nível 2, apoio substancial; já indivíduos do nível 1 exigem apenas apoio.

AGUIAR (2017) aborda a importância de diferentes profissionais, como educadores físicos, fonoaudiólogos, médicos e psicólogos, acompanharem sujeitos com TEA, maximizando estímulos.

PAN; FREY (2006) observaram que de 30 sujeitos com TEA, a maioria não atingiu a recomendação mínima de atividade física por semana. Enquanto isso, YILMAZ et. al. (2004) concluiu que após 10 semanas de intervenção, sendo 3 sessões por semana, com 60 minutos de natação por sessão, os sujeitos do estudo responderam com significativa diminuição das estereotipias e melhora da aptidão cardiovascular e algumas capacidades físicas. Com essas informações, nota-se a importância da atividade física acompanhada por um educador físico para melhorias na qualidade de vida de sujeitos com TEA.

O objetivo do presente trabalho é relatar a experiência pedagógica adquirida por uma discente da graduação de Educação Física (UFPel) enquanto monitora de crianças com transtorno do espectro autista no Projeto Carinho.

### 2. METODOLOGIA

As aulas de Educação Física são ministradas por estudantes da graduação, mestrado e doutorado na sede do Projeto Carinho (ESEF/UFPel) três vezes por semana – segunda, quarta e sexta-feira –, com sessões de 45 minutos. Os alunos, selecionados através de contato com escolas de Pelotas/RS e publicidade em mídia, consistem em crianças do sexo masculino e feminino, com idades entre 8 e 10 anos, diagnosticadas com TEA. Para participarem do projeto, foram previamente apresentados os diagnósticos das crianças.

Assim que chegam ao local da aula, os alunos são convidados a tirarem os próprios calçados e guardarem no armário, deste modo a autonomia já é trabalhada. Logo que a aula inicia, alunos e professores sentam-se no tatame para uma breve roda de conversa, estimulando a interação social do grupo, seja aluno-aluno ou aluno-professor. Após concluídas estas duas etapas, é aplicada a parte principal da aula, que equivale a atividades dinâmicas com objetivo de aprimorar as habilidades motoras básicas das crianças, além de auxiliar na socialização deste indivíduo. Segundo SÁ; SIQUARA; CHICON (2015) a representação simbólica é uma característica de crianças com TEA. Portanto, no final da aula, é utilizada uma sinaleira feita com EVA, para atribuir uma avaliação para cada aluno: vermelho significa comportamento inadequado; amarelo, comportamento regular e o verde, comportamento adequado.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se uma melhora através da prática do exercício físico na interação social, na coordenação motora, uma diminuição nas estereotipias, entre outros benefícios.

Sendo a interação social uma característica marcante do transtorno, AGUIAR (2017) afirma que exercícios físicos melhoram a capacidade comunicativa e reduzem o comportamento antissocial desses indivíduos. Em nossas aulas, a interação social aumentou gradativamente, pois muitas vezes as atividades propostas objetivam trabalhar em duplas, estimulando a dimensão socioafetiva.

DAVID et. al. (2016) menciona os efeitos da prática regular de ginástica artística para alunos com TEA, onde há melhorias significativas na coordenação motora, gerando independência para o aluno realizar algumas tarefas e maior compreensão das atividades solicitadas. Até o momento, a motricidade ampla das crianças evoluiu e as dificuldades para execução das tarefas diminuíram.

Quanto aos comportamentos estereotipados – os movimentos restritos e repetitivos –, houve diminuição notável em todos os alunos no decorrer das aulas e durante as aulas. Para TSE, PANG E LEE (2018), evidências consideráveis têm mostrado que o exercício físico pode ser uma solução eficaz na redução dos comportamentos estereotipados.

Para os alunos de graduação, a cada aula é adquirida uma experiência e aprendizado diferente, que vai além da teoria. Pois desenvolvemos o que estudamos sobre como trabalhar com crianças com TEA, e principalmente como lidar com cada indivíduo, sempre respeitando as limitações de cada aluno, para futuramente estarmos preparados para lidar com o dia-a-dia do trabalho.

### 4. CONCLUSÕES

É possível afirmar que as atividades no Projeto Carinho oferecem melhorias na qualidade de vida dos seus participantes diagnosticados com TEA. Além desse aspecto, proporciona diferentes vivências para os alunos da graduação de Educação Física, acrescentando experiências importantes na vida profissional desse estudante.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, R. P.; PEREIRA, F. A.; BAUMAN, C. D. Importância da prática de atividade física para as pessoas com autismo. **Journal of Health & Biological Sciences**. 2017; 5 (2), 178-183.

DAVID, A. P. N. et. al. A prática regular de ginástica artística na minimização dos sintomas recorrentes em crianças: a perspectiva dos professores. **Revista CPAQV–Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 8 (3), 2016.

DSM-V, A. P. A. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.)**. Washington,: 2013.

PAN, C. Y.; FREY, G. C. Physical activity patterns in youth with autism spectrum disorders. **J Autism Dev Disord**, v. 36, n. 5, p. 597-606, Jul 2006.

SÁ, M. G. C. S.; SIQUARA, Z. O.; CHICON, J. F. Representação simbólica e linguagem de uma criança com autismo no ato de brincar. **Rev Bras Ciênc Esporte**. 2015; 37(4): 355-361.

TSE C. Y. A.; PANG C.L.; LEE, P.H. Choosing an appropriate physical exercise to reduce stereotypic behavior in children with autism spectrum disorders: a nonrandomized crossover study. **J Autism Dev Disord**, v.48 (5), p.1666–1672; 2018

YILMAZ, I. et al. Effects of swimming training on physical fitness and water. **Pediatrics International**, v.46, p.624-626, 2004.6.